



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Do Feminismo ao Ecofeminismo

Neste outubro, em que a UMAR-Açores celebra 25 anos de atividade em prol da mulher e da igualdade de direitos e oportunidades, não resisto a fazer uma reflexão de cunho pessoal, delineando aspetos do percurso de vida que me levou a colaborar com esta associação, o que muito me apraz e orgulha.

Fui abençoada por ter nascido no Pico. Mas quis o destino que essa bênção se ampliasse quando, aos dois anos, emigrei com os meus pais para a Califórnia.

Não sei que vida teria se tivéssemos ficado no Pico, nem penso muito nisso. Mas tenho a firme certeza de que este salto no escuro – pois é isso que a migração é – permitiu-me viver entre dois mundos distintos, tentando colher o melhor dos dois.

Assim, tive o privilégio de crescer e viver os anos 60 e 70 na Califórnia, terreno fértil e frenético dos movimentos pelas minorias, as mulheres e o ambiente.

Nunca me senti minoria, mas cedo percebi que a defesa do que Simone de Beauvoir chamara o “segundo sexo” era vital, para o bem da mulher e da sociedade no seu todo.

Ao mesmo tempo, despertei para a defesa do meio ambiente. Trabalhei no “Ecology Center” local e ainda ouço o conselho dado ao jovem Dustin Hoffman, no filme “The Graduate” – “Os plásticos são o negócio do futuro”. Palavras certas, infelizmente, e hoje enfrentamos as consequências.

O salto para o ecofeminismo foi natural, tendo em conta os usos e abusos a que a mentalidade machista e patriarcal tem sujeitado a mulher e a natureza. Mas basta pensar o seguinte: sem a mulher, de onde viriam os homens? E sem o ambiente, onde viveriam os homens?

Parabéns UMAR-Açores!

25 anos da UMAR-Açores Percurso feminista na região...

Celebrar o aniversário da UMAR é um importante desafio que nos leva ao passado, assenta no presente e lança olhares no futuro

CLARISSE CANHA
UMAR-Açores

Celebramos 25 anos da UMAR-Açores, um quarto de século de ação de cariz feminista.

Mas sabemos que antes desse 1992 de criação da Delegação Regional nos Açores, a UMAR e a sua ação já era.

Sabemos que a UMAR nasceu nos anos 70, em Lisboa, se projetou de forma especial nos Açores. Com atividade e despertares na década seguinte, foram amadurecendo ideias e condições, no decorrer dos anos 80 para a criação de uma estrutura mais sólida e atividade regular, na região.

E, no início dos anos 90, a emergência dessa atividade justifica e lança raízes como se numa árvore da igualdade se tratasse: em 1992 é criada a Delegação Regional da UMAR Açores que depressa se afirma, e no ano seguinte (93) realiza o Encontro sobre As Mulheres e o Desenvolvimento Regional – no Salão Nobre da Câmara Mu-



UMAR-Açores assinala 25 anos nos Açores. 27 de Outubro: programas em São Miguel, Faial e Terceira

nicipal de Ponta Delgada - casa cheia de pessoas, energia e entusiasmo contou com as conferências de Clárisse Canha, Fátima Sequeira Dias, Manuela Tavares e Padre Silvino.

Outubro é também mês de aniversário de uma grande mulher, muito querida desta associação: Fátima Sequeira Dias, que nesse 27 de Outubro 1992, nos falou de “Actividade Feminina: Mais do que ontem, menos do que amanhã”.

É, pois, muito especial esta celebração dos 25 anos da UMAR-Açores.

A celebração decorre nas ilhas de São Miguel, Faial e Terceira, e conta com o empenho e dedicação das equipas dos diferentes Núcleos da associação.

A celebração dos 25 anos desta organização e movimento de cariz feminista inclui lembrança, homenagens e testemunhos de diferentes mulheres, que conosco também têm percor-

rido, este caminho de lutas e desafios.

Destaca-se outro marco importante no reforço desta associação quando, em 2008, a Delegação Regional da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, se transforma em Associação: UMAR-Açores - Associação para a Igualdade e Direitos das Mulheres.

Outubro 2017, cá estamos hoje, prosseguindo caminhos de ontem, de hoje e de amanhã. ♦



Outubro 2017

Janela sobre o passado...

Sendo certo que, entre 1914 e 1918, o esforço de guerra deveu imenso ao contributo e ao sacrifício femininos, é igualmente certo que, antes da contenda, muitas feministas europeias lutavam pelo direito ao voto, com a finalidade de difundir o pacifismo e de conseguir dar relevância à sua oposição à guerra. Não obstante, eram também inúmeras as mulheres que se identificavam com ambições nacionalistas e que, por consequência, defendiam o confronto armado para mostrar o seu patriotismo e reclamar a cidadania. Aliás, com a eclosão do conflito, a maioria das organizações socialistas e feministas abandonaram os seus compromissos com o internacionalismo e o pacifismo, a fim de apoiarem os seus países. A mobilização de mulheres tornou-se uma realidade, ora incentivada



SUSANA
SERPA SILVA

por organizações feministas, como a Federação de Mulheres Alemãs, ora impulsionada em eventos, como O Congresso Internacional de Mulheres de Haia (1915). O facto é que apesar do terror, das privações e da perda de milhões de vidas, que muito afetou o tecido social e familiar - e, em particular, esposas e

mães - a I Guerra Mundial proporcionou novas experiências laborais que, a curto prazo, acabaram por contribuir para a emancipação das mulheres. Há historiadores que defendem que o conflito mundial foi também gerador de uma “guerra dos sexos” dadas as novas ameaças que penderam sobre as formas convencionais de feminilidade e masculinidade. Afinal, com o desenrolar da guerra, ao soldado debilitado e desgastado pelas frentes de batalha (imagem antagónica da

força e da virilidade) opunham-se mulheres vigorosas e dedicadas que desempenhavam, com competência, funções civis e militares de grande relevância. Com o pós-guerra e com a restauração da ordem social, adivinhava-se imprescindível negociar o lugar dos homens e das mulheres nos domínios privado e público. Pressentiam-se revoluções e contrarrevoluções de género e de classe.

Susana Serpa Silva
susana.pf.silva@uac.pt

Sugestões de leitura:

Barbara Caine y Glenda Sluga (2000), “La guerra y el nuevo orden mundial”, in Género e Historia. Mujeres em el cambio sociocultural europeo, de 1780 a 1920, Madrid, Narcea, S.A. De Ediciones (com la cooperación del Secretariado Europeo per le Pubblicazione Scientifiche).

G. Braybon (1981), Women Workers in the First World War: the British Experience, London, Croom Helm.